



Para Além do Navio: O Paradoxo de Teseu e a Natureza Relacional da Identidade em Diferentes Domínios.

Nascimento, Paulo Victor Santos ¹; Santos, Vanessa Araújo²; Sousa, Nathaly Oliveira³; Brito, Vanessa Araújo Batista⁴; Cruz, Cleberth Alves⁵.



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p1856-1871>

Artigo recebido em 17 de Julho e publicado em 27 de Agosto de 2025

Artigo de Revisão Sistemática

RESUMO

O Paradoxo de Teseu serve como ferramenta filosófica para analisar a relação entre mudança material e permanência identitária em objetos e indivíduos ao longo do tempo. Este estudo, mediante revisão integrativa da literatura, investigou como o paradoxo ilustra a tensão entre transformação estrutural e essência persistente. A metodologia seguiu o protocolo PRISMA com coleta nas bases SciELO e Portal de Periódicos CAPES, selecionando 27 estudos originais em português, inglês ou espanhol que articulam o paradoxo aos conceitos de identidade e mudança, analisados através de triangulação temática e crítica teórica.

Os resultados evidenciam que o paradoxo não admite solução única, mas revela a identidade como construção multidimensional. Perspectivas filosóficas divergentes – desde abordagens substancialistas (como Locke, que fundamenta a identidade na continuidade da consciência) até teorias processuais (como Whitehead, para quem o ser equivale ao tornar-se) – propõem critérios distintos para persistência identitária, incluindo continuidade funcional, narrativa autobiográfica, integridade material e reconhecimento social.

Nas aplicações práticas, observa-se que a identidade de corporações jurídicas, obras de arte restauradas e corpos humanos com próteses mantém-se mediante três eixos inter-relacionados: continuidade histórica (trajetória causal ininterrupta), função essencial (propósito original preservado) e integridade relacional (padrão estrutural dinâmico). Conclui-se que a essência opera como processo autopoietico, onde transformação e permanência coexistem contextualmente, sendo o paradoxo fundamentalmente um instrumento epistemológico que expõe a natureza relacional – não absoluta – da identidade em diferentes domínios do conhecimento.

Palavras-chave: Identidade, Mudança, Paradoxo, Teseu



ABSTRACT

The Ship of Theseus serves as a philosophical tool to analyze the relationship between material change and identity persistence in objects and individuals over time. This study, through an integrative literature review, investigated how the paradox illustrates the tension between structural transformation and enduring essence. The methodology followed the PRISMA protocol with data collection from the SciELO and CAPES Periodicals databases, selecting 27 original studies in Portuguese, English, or Spanish that articulate the paradox with concepts of identity and change, analyzed through thematic triangulation and theoretical critique.

The findings demonstrate that the paradox admits no singular solution but reveals identity as a multidimensional construct. Divergent philosophical perspectives—from substantialist approaches (such as Locke, who grounds identity in continuity of consciousness) to processual theories (such as Whitehead, for whom being equates to becoming)—propose distinct criteria for identity persistence, including functional continuity, autobiographical narrative, material integrity, and social recognition.

In practical applications, it is observed that the identity of legal entities, restored artworks, and human bodies with prosthetics is maintained through three interrelated axes: historical continuity (uninterrupted causal trajectory), essential function (preserved original purpose), and relational integrity (dynamic structural pattern). It is concluded that essence operates as an autopoietic process wherein transformation and permanence contextually coexist, establishing the paradox fundamentally as an epistemological instrument that exposes the relational—rather than absolute—nature of identity across different domains of knowledge.

Keywords: Identity, Change, Paradox, Theseus

Instituição afiliada – ¹ Faculdade Anhanguera de Imperatriz, Maranhão

²- Centro Universitário do Maranhão (UNICEUMA)

³- Faculdade Anhanguera de Imperatriz, Maranhão

⁴- Faculdade Anhanguera de Imperatriz, Maranhão

⁵- Faculdade Anhanguera de Imperatriz, Maranhão

Autor correspondente: Paulo Victor Santos Nascimento. paulocentroga@gmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

O Paradoxo do Navio de Teseu configura-se como um dos quebra-cabeças filosóficos mais duradouros e fascinantes, interrogando a relação entre mudança material e a persistência da identidade ao longo do tempo. Sua origem, conforme registra a Fantástica Cultural (2019), remonta à mitologia grega, onde a embarcação de Teseu, preservada em Atenas, teve suas partes gradualmente substituídas, gerando a questão fundamental: após a substituição de todos os seus componentes, ainda seria o mesmo navio?

Este paradoxo transcende a anedota histórica, servindo como uma ferramenta epistemológica para explorar conceitos de essência, identidade e transformação. Como demonstra Bocayuva (2010), ele encapsula a tensão filosófica primordial entre as visões de Heráclito, para quem "tudo flui" (*panta rhei*), e Parmênides, que defendia a imutabilidade do ser. A complexidade do debate foi ampliada por Hobbes (citado no texto), que introduziu a variante da reconstituição de um segundo navio com as peças originais, e por Locke, que, conforme analisa Loque (2022), transportou a questão para o plano da identidade pessoal, fundamentando-a na continuidade da consciência e não no substrato material.

Este estudo, mediante uma revisão integrativa da literatura seguindo o protocolo PRISMA, investiga como o paradoxo ilustra a tensão entre transformação estrutural e essência persistente. A análise evidencia que não há uma solução única, mas um leque de perspectivas filosóficas divergentes. De abordagens substancialistas, como a de Locke, a teorias processuais, como as de Whitehead, para quem o ser equivale ao tornar-se, critérios distintos—como continuidade funcional, narrativa autobiográfica e reconhecimento social—são propostos para definir a identidade.

Na prática, a análise de casos como corporações jurídicas (Magee, 2019), obras de arte restauradas (Preservação do Patrimônio Edificado, 2020) e a renovação celular do corpo humano (Veja, [s.d.]) revela que a identidade é mantida através de eixos inter-relacionados: continuidade histórica, função essencial e integridade relacional. Conclui-se, portanto, que a essência opera como um processo autopoietico, onde transformação e permanência coexistem contextualmente, tornando o paradoxo um instrumento



crucial para expor a natureza relacional—e não absoluta—da identidade em diversos domínios do conhecimento.

METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão integrativa da literatura com o objetivo central de sistematizar e analisar discussões teóricas e empíricas sobre o Paradoxo de Teseu, investigando sua relação com os conceitos de essência, identidade e mudança. A investigação foi orientada pela questão norteadora: "De que maneira o Paradoxo de Teseu ilustra a relação entre a mudança e a preservação da essência de um objeto ou indivíduo ao longo do tempo?".

A coleta de dados ocorreu prioritariamente nas bases SciELO e Portal de Periódicos CAPES. Foram empregados descritores em português, inglês e espanhol, combinando os termos: "Paradoxo de Teseu", "essência", "identidade", "mudança", "persistência", além de "ontologia" e "metafísica".

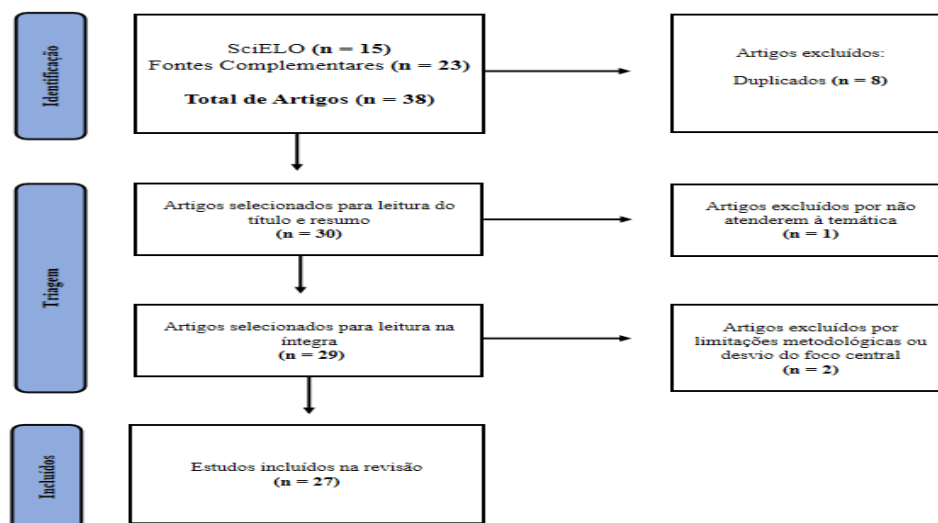
Os critérios de seleção priorizaram estudos que articulassem o Paradoxo de Teseu com os conceitos de essência, identidade e mudança, limitados a publicações em português, inglês ou espanhol, sem restrição de datas. Incluíram-se exclusivamente pesquisas originais, como artigos, teses e capítulos de livros acadêmicos, com abordagens interdisciplinares envolvendo filosofia, psicologia ou ciência cognitiva. Excluíram-se obras literárias ou ficcionais, estudos sem metodologia explícita e análises exclusivamente históricas do mito grego desvinculadas da discussão conceitual.

O processo de seleção envolveu cinco etapas sequenciais. Inicialmente, identificaram-se 38 registros. Na etapa seguinte, eliminaram-se 8 duplicatas. Procedeu-se então à triagem por títulos e resumos, excluindo 1 estudo por inadequação temática. Realizou-se leitura integral dos 29 textos restantes, descartando 2 devido a três fatores principais: foco não teórico, por metodologia não explícita e por desvio do eixo essência-mudança. Consolidou-se assim um corpus final de 27 referências.

Para análise, adotou-se o protocolo PRISMA, integrando três dimensões complementares: análise conceitual das soluções propostas ao paradoxo, triangulação temática de eixos transversais e crítica teórica das implicações éticas e ontológicas nas diferentes abordagens.



Figura 1. Prisma



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Reconhecem-se como limitações a escassez de estudos relacionando as três temáticas e a heterogeneidade terminológica, especialmente quanto às definições de "essência". Esta abordagem metodológica permitiu consolidar um corpus crítico sobre o Paradoxo de Teseu como ferramenta epistemológica para discutir a persistência da identidade em contextos de transformação, fundamentando as análises propostas no estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.1 A Origem e Fundamentação do Paradoxo de Teseu

O paradoxo do navio de Teseu configura-se como um dos desafios mais profundos da filosofia ocidental, interrogando a natureza da identidade e da permanência dos objetos através do tempo. Identificam-se que as suas raízes remontam à mitologia grega, onde, conforme registros históricos, citando que a embarcação utilizada por Teseu para retornar de Creta após derrotar o Minotauro foi preservada em Atenas como relíquia sagrada. Ao longo de séculos, suas madeiras deterioradas foram sendo progressivamente substituídas, gerando um questionamento central: quando nenhum componente original restava, poderia a estrutura recondicionada ainda ser considerada o mesmo navio? (Fantástica Cultural, 2019).

Assim, evidencia-se que tal narrativa transcende a anedota mitológica, transformando-se numa problemática metafísica que confronta concepções



fundamentais e consolidadas sobre essência e continuidade. O contexto filosófico fundacional remonta ao diálogo entre Heráclito e Parmênides na Grécia Antiga. Conforme analisa Bocayuva (2010), Heráclito postulava o fluxo perpétuo da realidade ("panta rhei" - tudo flui), enquanto Parmênides defendia a imutabilidade do ser, sustentando que a mudança era ilusória. Esta tensão entre transformação e permanência estruturou as bases do paradoxo, posteriormente desenvolvido por Hobbes no século XVII, que introduziu a variante da reconstituição das peças originais em um segundo navio.

Locke, no século XVIII, ampliou o debate para a identidade pessoal, questionando se a substituição de características materiais afetaria a essência do "eu" (Dillon-Mansfield, 2024). A persistência histórica da questão, revisitada incessantemente por pensadores como Leibniz e Hume, evidencia sua função como teste de resistência para teorias ontológicas, desafiando noções ingênuas de objetividade material. A contemporaneidade do paradoxo manifesta-se em sua recorrência em debates científicos e culturais. Como observa Jayarava (2017), sua estrutura lógica aplica-se a qualquer entidade submetida a transformações graduais: desde organismos biológicos até instituições sociais.

Esta universalidade explica por que, segundo Toda Matéria ([s.d.]), o problema permanece central na filosofia contemporânea, servindo como ferramenta crítica para desconstruir essencialismos ingênuos. O paradoxo opera como um espelho epistemológico, forçando-nos a confrontar as premissas ocultas, já enraizadas no coletivo e ser, em nossos conceitos de "mesmidade" e "diferença", revelando que identidade talvez seja menos uma propriedade intrínseca que uma construção relacional.

2.2 Mudança Contínua x Identidade Permanente

A dialética entre transformação material e permanência identitária manifesta-se como fenômeno ubíquo na experiência humana, desafiando noções simplistas de essência inalterável. Nos sistemas biológicos, conforme destacado por Veja ([s.d.]), 98% dos átomos do corpo humano são substituídos anualmente através de processos metabólicos, culminando na renovação celular completa a cada década. Paradoxalmente, esta mutação perene não invalida a percepção de continuidade



peçoal, sugerindo que a identidade orgânica reside menos na matéria específica que em padrões estruturais e funcionais preservados. Fenômenos como o envelhecimento ilustram esta tensão: embora nenhuma célula de um indivíduo idoso existisse em sua infância, reconhecemos uma trajetória contínua manifesta na persistência de marcas genéticas, memórias e padrões neurofisiológicos.

No domínio cultural, casos paradigmáticos ilustram a complexidade desta relação. A restauração do David de Michelangelo, conforme documentado por Preservação do Patrimônio Edificado (2020), envolveu a substituição de fragmentos deteriorados por materiais novos, gerando debates acalorados sobre autenticidade. Críticos argumentam que intervenções acima de 30% comprometem a essência da obra, enquanto restauradores defendem que a identidade artística persiste na manutenção da forma, intenção original e contexto histórico.

Paralelamente, na medicina regenerativa, pacientes com mais de 70% do corpo substituído por próteses e enxertos desafiam os limites do "eu" biológico, suscitando questões sobre qual porcentagem de alteração material invalidaria a continuidade identitária (Netmundi.org, [s.d.]). Estes exemplos evidenciam que a identidade não constitui propriedade binária, mas espectro gradativo determinado por múltiplos fatores, incluindo continuidade funcional (manutenção de propósito original), integridade estrutural (preservação de relações entre componentes), trajetória histórica (conexão causal ininterrupta) e reconhecimento social (aceitação coletiva da permanência).

Como sintetiza Feed do Bem ([s.d.]), a resiliência identitária frente à mudança revela que essência talvez seja melhor compreendida como processo dinâmico que como entidade estática, um princípio que encontra eco tanto na biologia evolutiva quanto na teoria dos sistemas complexos.

2.3 Perspectivas Filosóficas sobre Essência e Transformação

As respostas filosóficas ao paradoxo refletem divisões epistemológicas profundas sobre a natureza da realidade. Na tradição substancialista, Locke fundamenta a identidade na continuidade da consciência, não no substrato material. Conforme analisa Loque (2022), para Locke a identidade pessoal reside na "mesma consciência contínua", sendo a materialidade corpórea mero veículo acidental.



Esta perspectiva encontra ressonância no direito moderno, onde, como observa Magee (2019), a personalidade jurídica de corporações persiste através de completa substituição de acionistas e ativos, desde que mantida a continuidade funcional e histórica. Em contraponto radical, teorias processuais como as de Whitehead concebem a realidade como fluxo dinâmico onde "ser" equivale a "tornar-se". Conforme a Internet Encyclopedia of Philosophy ([s.d.]), nesta visão a essência corresponde a padrões estáveis emergentes de processos relacionais, não a substratos imutáveis.

Aplicado ao navio de Teseu, o navio não "é", mas "ocorre" como evento contínuo de organização funcional, onde as peças substituídas são fases transitórias de um processo identitário persistente. A dicotomia materialista-imaterialista acrescenta novas dimensões ao debate. Abordagens materialistas reducionistas, conforme Speaks (2009), sustentam que identidade se esgota na organização física: alterações materiais modificam necessariamente a essência.

Perspectivas imaterialistas, entretanto, introduzem critérios não-físicos como determinantes identitários, tais como intencionalidade (propósito consciente que define o objeto), história causal (trajetória espaço-temporal contínua), função sistêmica (papel em estruturas maiores) e reconhecimento intersubjetivo (consenso social sobre identidade).

Esta pluralidade teórica, conforme argumentado por Quora ([s.d.]), demonstra que o paradoxo possui natureza essencialmente epistemológica: sua "solução" depende dos critérios privilegiados na definição de "objeto" e "persistência". O que emerge não é uma resposta unívoca, mas um mapa das premissas metafísicas que subjazem nossas intuições sobre identidade.

2.4 Aplicações Práticas do Paradoxo

A relevância contemporânea do paradoxo manifesta-se em domínios tangíveis onde definições de identidade possuem consequências práticas imediatas. No âmbito jurídico, holdings patrimoniais que sofrem completa reformulação acionária e operacional testam os limites da personalidade jurídica. Como analisa Barros (2024), tribunais frequentemente adotam critérios funcionais-históricos: a identidade persiste se mantidos o propósito essencial e a trajetória institucional, mesmo com substituição total de componentes.



Analogamente, reformas tributárias graduais, conforme Adamy ([s.d.]), interrogam quando um sistema fiscal torna-se "outro" sistema, questão crucial para aplicação retroativa de leis e direitos adquiridos. Na tecnologia, o desenvolvimento de software enfrenta versões modernizadas do paradoxo. Conforme Corgibytes (2018), sistemas que passam por refatoração contínua podem ter 100% de seu código original substituído ao longo de uma década, mantendo porém identidade funcional através da preservação de interfaces e contratos de serviço, continuidade na base de usuários e dados, e manutenção do propósito operacional original. Esta "identidade processual" permite que plataformas como o Linux mantenham reconhecimento como entidades contínuas apesar de renovação integral de componentes.

Na psicologia, estudos sobre identidade pessoal, citados por Sempre é Tempo Agora (2024), revelam que o "eu" persiste através de transformações biológicas radicais como padrão narrativo autogerado. Pacientes com memórias artificialmente implantadas ou modificações profundas de personalidade ainda mantêm senso de continuidade quando preservados o fio narrativo autobiográfico, relações afetivas estáveis e propósitos existenciais centrais. Esta resiliência sugere que, conforme Netmundi.org ([s.d.]), a identidade humana opera como processo dialético entre mudança e permanência, onde transformações graduais são incorporadas a uma estrutura narrativa coerente.

2.5 Resolução Possível e Limites do Conceito de Essência

Ora, percebe-se que uma solução integradora ao paradoxo combina continuidade histórica, função essencial e integridade estrutural como critérios interdependentes. Sob esta perspectiva, o navio de Teseu mantém identidade enquanto preservar seu propósito original (navegação/comemoração), configuração estrutural fundamental e trajetória histórica ininterrupta.

Conforme argumentado em Quora ([s.d.]), esta tríade permite que identidade transcenda a materialidade específica, persistindo como padrão relacional dinâmico. Todavia, o cenário hobbesiano - onde as peças originais são reconstituídas em um segundo navio - expõe os limites desta abordagem. Visto que nesse caso, emergem duas entidades com reivindicações legítimas porém distintas à identidade original: o navio modificado como herdeiro da continuidade funcional-histórica e o navio reconstituído



como detentor da materialidade originária. Como observa Update or Die! (2023), ambas são, em graus diferentes, "descendentes" do original, porém nenhuma encapsula plenamente a identidade primordial. Esta dualidade revela que identidade não é propriedade binária, mas relação gradativa contextualmente definida.

Aplicado a fenômenos biológicos, este modelo explica como organismos mantêm identidade através de renovação celular: padrões autopoieticos preservam organização sistêmica e função vital apesar da substituição molecular (Lindoso, [s.d.]). Em corporações, reformas estruturais não dissolvem identidade jurídica quando mantidos propósito social e continuidade operacional (Magee, 2019). Conclui-se que o paradoxo expõe não um problema solucionável, mas a natureza multidimensional da identidade.

Conforme Tede UFAM ([s.d.]), diferentes contextos demandam diferentes critérios: museus privilegiam materialidade (autenticidade física), direito valoriza continuidade funcional-histórica, engenharia foca em desempenho e estrutura, e sociologia enfatiza reconhecimento coletivo. Em última análise, o navio de Teseu permanece "o mesmo" não por propriedade intrínseca, mas porque continuamos a reconhecê-lo como tal através de suas funções e história - uma construção mental que revela mais sobre nossos esquemas cognitivos que sobre a natureza dos objetos.

Assim, o Paradoxo de Teseu, como a revisão de literatura, nos força a confrontar uma questão fundamental: o que realmente define a identidade? A partir da análise dos diferentes pontos de vista, fica evidente que a essência de um objeto ou indivíduo não reside em uma única dimensão, mas sim na intersecção de múltiplas abordagens. As discussões evidenciam a multiplicidade de respostas embasadas e com um fundo de verdade para um mesmo questionamento, demonstrando que a identidade não se concretiza como algo rígido, imutável, mas leva em consideração o contexto dado por cada observador. Heráclito de Éfeso (1983) afirma: "Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio; pois outras águas estão sempre fluindo." Essa ideia de mudança constante e incessante é a base filosófica para a visão de que a identidade, tanto de um objeto quanto de uma pessoa, não pode ser fixa. A ideia de que tudo está em constante fluxo é a premissa fundamental para a argumentação de que o navio não pode ser o mesmo ao longo do tempo.

Em contrapartida, a filosofia de Aristóteles (412a20) sobre a forma (a alma) e a



matéria é a base de uma das principais interpretações do paradoxo. "A alma é a substância no sentido de ser a forma de um corpo natural que possui a vida em potencial. O corpo é a matéria, e a alma é o que faz com que esse corpo seja um ser vivo." A forma, para Aristóteles, é a essência de algo, sendo a alma racional a forma que define a identidade de um ser humano. Embora Aristóteles não tenha se referido diretamente ao paradoxo, a sua filosofia implica que a identidade do navio estaria ligada à sua forma, ao seu design e à sua função (ser um navio), sendo assim, o que importa não é a matéria (as tábuas), mas a forma que se organiza essa matéria. Thomas Hobbes (1655, Parte II, cap. 11), por outro lado, tentou resolver o problema da identidade por meio de um critério racional e objetivo, separando-o de ideias metafísicas como a alma. Sua análise se concentra na continuidade de um objeto no tempo; Para Hobbes, a identidade do indivíduo é um pouco mais complexa. Ele sugere que a identidade pessoal, ao contrário da de um objeto, poderia estar ligada à continuidade da consciência ou da memória. Se a memória e a consciência de uma pessoa são contínuas ao longo do tempo, então a pessoa é a mesma, independentemente das mudanças físicas do corpo.

Em suma, a análise da literatura filosófica sobre o Paradoxo de Teseu demonstra que a identidade de um objeto ou indivíduo não se baseia em um único critério. A identidade pode persistir através do tempo com suas histórias, experiências de vida e com a linha de eventos de causas e efeitos que conectam o navio do início da viagem ao fim da viagem, ele mantém sua identidade e continua sendo o navio de Teseu. O valor do paradoxo não reside em uma resposta única, mas na sua capacidade de expor a complexidade da relação entre a permanência e a mudança, mostrando que a identidade é um fenômeno construído por múltiplos fatores inter-relacionados, e não uma propriedade intrínseca e imutável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O paradoxo do navio de Teseu, ao longo deste estudo, mostrou-se mais do que uma curiosidade filosófica antiga. Revelou-se uma poderosa ferramenta para refletirmos sobre os limites e as possibilidades da identidade frente à mudança. A partir da mitologia grega, a questão sobre a permanência de um objeto que sofre transformações graduais foi expandida por diversos pensadores ao longo dos séculos e hoje continua presente em debates práticos e contemporâneos, como nas áreas do



direito, da biologia, da tecnologia e da psicologia.

A análise revelou que a identidade não pode mais ser compreendida apenas como algo fixo ou preso a uma essência material. Ao contrário, ela se apresenta como uma construção dinâmica, relacional e, muitas vezes, subjetiva. A ideia de que algo permanece “o mesmo” mesmo após mudanças profundas depende de critérios variados, como função, continuidade histórica, estrutura organizacional e até mesmo reconhecimento coletivo. Isso demonstra que o conceito de essência é muito mais flexível e contextual do que as abordagens clássicas sugeriam.

Os exemplos práticos analisados desde o corpo humano e obras de arte até sistemas jurídicos e plataformas digitais reforçam que a noção de identidade é moldada por múltiplos fatores que dialogam entre si. Mesmo com transformações quase totais, é possível preservar a continuidade por meio de padrões, funções e relações que conectam passado e presente. Isso mostra que, na maioria das vezes, o que reconhecemos como “o mesmo” é aquilo que mantém coerência com sua história e propósito, ainda que sua matéria ou aparência tenha sido alterada.

A partir da revisão integrativa realizada, fica claro que o paradoxo de Teseu é útil não por oferecer uma resposta definitiva, mas por nos ajudar a refletir sobre como definimos a permanência diante da mudança. Sua força está justamente em escancarar os limites das definições rígidas e nos lembrar de que a identidade seja de um objeto, uma pessoa ou uma instituição é sempre resultado de interpretações, contextos e decisões coletivas.

Conclui-se, assim, que a pergunta “o navio ainda é o mesmo?” é menos sobre o navio em si e mais sobre a maneira como entendemos e atribuímos sentido àquilo que muda com o tempo. O paradoxo, portanto, segue atual e necessário, pois nos convida a repensar nossas certezas sobre o que permanece e o que muda e acima de tudo, sobre como construímos o entendimento daquilo que somos.

REFERÊNCIAS

ADAMY, Pedro. "A reforma tributária e o navio de Teseu". **JOTA**. Disponível em: <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/artigos/a-reforma-tributaria-e-o-navio-de-teseu>. Acesso em: 28 jul. 2025.



BARROS, Guilherme. "O navio de Teseu e a autonomia mitigada da holding patrimonial". **Migalhas**. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/depeso/407686/o-navio-de-tese-e-a-autonomia-mitigada-da-holding-patrimonial>. Acesso em: 28 jul. 2025.

BOCAYUVA, Izabela. "Parmênides e Heráclito: diferença e sintonia". **Kriterion**, n. 122: 399-412, dez. 2010.

CORGIBYTES. "The Theseus Paradox of Software". **Corgibytes**. Disponível em: <https://corgibytes.com/blog/2018/01/15/theseus-paradox-software/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

DILLON-MANSFIELD, Ruth. "The Ship of Theseus and the Metaphysics of Identity". **Ruth Dillon-Mansfield**. Disponível em: <https://ruth-dm.co.uk/posts/the-ship-of-theseus/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

EDUVEM. "O Barco de Teseu: o dilema da identidade". **Eduvem**. Disponível em: <https://eduvem.com/paradoxo-barco-de-tese-identidade-e-inovacao/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

FANTÁSTICA CULTURAL. "O Paradoxo de Teseu - um navio com todas as partes trocadas ainda é o mesmo?". **Fantástica Cultural**. Disponível em: https://www.fantasticacultural.com.br/artigo/5/o_paradoxo_de_teseu_-_um_navio_com_todas_as_partes_trocadas_ainda_e_o_mesmo. Acesso em: 28 jul. 2025.

FEED DO BEM. "Compreendendo a Relação do Paradoxo do Navio de Teseu com a Identidade Humana". **Feed do Bem**. Disponível em: <https://feedobem.com/paradoxo-do-navio-de-tese-x-identidade-humana-entenda-essa-relacao/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

HISTÓRIA E ECONOMIA. "O PARADOXO DO NAVIO DE TESEU: Análise do racismo no Brasil a partir do Direito brasileiro contemporâneo". **História e Economia**. Disponível em: <https://www.historiaeconomia.pt/index.php/he/article/view/336>. Acesso em: 28 jul. 2025.

INTERNET ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. "Process Philosophy". **Internet Encyclopedia of Philosophy**. Disponível em: <https://iep.utm.edu/processp/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

JAYARAVA. "The Ship of Theseus". **Jayarava's Raves**. Disponível em: <http://jayarava.blogspot.com/2017/02/the-ship-of-theseus-ffty.html>. Acesso em: 28 jul. 2025.

LINDOSO, Mikael. "O paradoxo de Teseu e o processo de tecnização do processo histórico da humanidade". **Tede UFAM**. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/6949/4/Disserta%C3%A7%C3%A3o_MikaelLindoso_PPGSCA.pdf. Acesso em: 28 jul. 2025.



LOQUE, Flavio Fontenelle. "John Locke e a Identidade Pessoal: Um Impasse Relativo à Justiça". *Filosofia Unisinos. Unisinos Journal of Philosophy*, v. 23, n. 3: 1-13, 2022.

LUCIAN, Chris. "Navigating Agile Development: Embracing the Ship of Theseus Philosophy". **Chris Lucian**. Disponível em: <https://www.chrislucian.com/2023/06/navigating-agile-development-embracing.html>. Acesso em: 28 jul. 2025.

MAGEE, Bryan P. "Impersonal Personhood: Crafting a Coherent Theory of the Corporate Entity". **Cornell L. Rev.**, v. 104, n. 2: 497, 2019.

NETMUNDI.ORG. "O Paradoxo do Navio de Teseu e a identidade pessoal". **Netmundi.org**. Disponível em: <https://www.netmundi.org/filosofia/o-paradoxo-do-navio-de-teseu-e-a-identidade-pessoal/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO. "O NAVIO DE TESEU SOBRE O OLHAR DOS TEÓRICOS DA RESTAURAÇÃO". **Preservação do Patrimônio Edificado**. Disponível em: <http://preservacaodopatrimonioedificado.blogspot.com/2020/05/o-navio-de-teseu-sobre-o-olhar-dos.html>. Acesso em: 28 jul. 2025.

QUORA. "O Paradoxo do Navio de Teseu nos permite concluir que a realidade somente existe na nossa mente?". **Quora**. Disponível em: <https://pt.quora.com/O-Paradoxo-do-Navio-de-Teseu-nos-permite-concluir-que-a-realidade-somente-existe-na-nossa-mente>. Acesso em: 28 jul. 2025.

QUORA. "Qual é a sua resolução para o paradoxo do Navio de Teseu?". **Quora**. Disponível em: <https://pt.quora.com/Qual-%C3%A9-a-sua-resolu%C3%A7%C3%A3o-para-o-paradoxo-do-Navio-de-Teseu>. Acesso em: 28 jul. 2025.

SEMPRE É TEMPO AGORA. "O Paradoxo do Navio de Teseu e a Viagem da Identidade". **Sempre é Tempo Agora**. Disponível em: <https://sempreetempoagora.com.br/paradoxo-do-navio-de-teseu/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

SPEAKS, Jeff. "Materialism & the psychological theory of persons". **University of Notre Dame**. Disponível em: https://www3.nd.edu/~jspeaks/courses/2008-9/10100-spring/iweb/PHIL_101/Lectures_in_PDF_form/Entries/2009/3/17_16-materialism_files/16-materialism.pdf. Acesso em: 28 jul. 2025.

STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. "Locke on Personal Identity". **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/locke-personal-identity/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

SUPERINTERESSANTE. "O que é o paradoxo do Navio de Teseu?". **Superinteressante**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-o-paradoxo-do-navio-de-teseu/>. Acesso em: 28 jul. 2025.



TEDE UFAM. "O paradoxo de Teseu e o processo de tecnização do processo histórico da humanidade". **Tede UFAM.** Disponível em:

https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/6949/4/Disserta%C3%A7%C3%A3o_MikaelLindoso_PPGSCA.pdf. Acesso em: 28 jul. 2025.

TODAMATERIA.COM.BR. "Filosofia Contemporânea: o que é, as principais características e pensadores". **Toda Matéria.** Disponível em:

<https://www.todamateria.com.br/filosofia-contemporanea/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

UPDATE OR DIE!. "Paradoxo Navio Teseu". **Update or Die!.** Disponível em:

<https://updateordie.com/2023/08/25/paradoxo-navio-tese/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

VEJA. "Como um paradoxo evolutivo pode se tornar a próxima lei da biologia?". **Veja.**

Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/como-um-paradoxo-evolutivo-pode-se-tornar-a-proxima-lei-da-biologia/>. Acesso em: 28 jul. 2025.